

ESCOLA E IDEAÇÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA: RELAÇÃO, DIAGNÓSTICO E COMPREENSÃO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DA CIDADE DE PINHEIRO-MA.

Raísa Moraes da Silva¹

RESUMO: Entendendo o suicídio pela perspectiva sociológica como um ato precedido de planejamento, portanto, idealizado, neste artigo discutiremos a relação entre o papel social da escola e a ideação suicida através de um diagnóstico e interpretação com alunos do ensino médio em uma escola estadual em Pinheiro-MA. Utilizamos de questionário estruturado e fechado como instrumento de coleta de dados aplicados aos alunos e aos professores. Tal diagnóstico permitiu-nos, como compreensão, que a importância da discussão sobre a temática não era vivenciada no contexto escolar, muito menos capacidade de identificação. Apesar das taxas serem afirmativas para a intenção ao suicídio, a escola não havia identificado fatores de risco que estão presentes, mesmo que de forma imanente, pois existe uma cultura de naturalização dos problemas sócio afetivos dos adolescentes.

Palavras-chave: Ideação suicida. Fatores de risco. Ambiente Escolar. Prevenção.

ABSTRACT: Understanding suicide by sociological perspective as an act preceded by planning, therefore idealized, in this article we will discuss the relationship between the social role of school and suicidal ideation through a diagnosis and interpretation with high school students at a state school in Pinheiro-MA. We used a structured and closed questionnaire as a data collection instrument applied to students and teachers. Such a diagnosis allowed us, as an understanding, that the importance of the discussion about the subject was not experienced in the school context, much less capacity for identification. Although rates were affirmative for suicide intent, the school had not identified risk factors that are present, albeit immanently, because there is a culture of naturalization of the socio-affective problems of adolescents.

Keywords: Suicidal ideation. Risk factors. School environment. Prevention.

INTRODUÇÃO

¹Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da UFMA, Campus de Pinheiro. E-mail: raisamoraess@gmail.com

Émile Durkheim, considerado por muitos o fundador da sociologia, em 1897 lançou o que seria a sua obra capital, o livro intitulado “O Suicídio”, dando o que poderia se dizer o primeiro passo para a análise do suicídio a partir de um contexto social que age coercitivamente sobre o indivíduo. Antes disso, somente o aspecto individual psicológico e psiquiátrico tinha vez ao explicar o problema do suicídio (MENEGBEL *et al.*, 2004), alinhando à idéia de um sujeito particularmente doente.

A definição do conceito de suicídio dada pelo Ministério da Saúde (2018) é a de que o suicídio é “um fenômeno complexo e multifacetado, que pode afetar indivíduos de diferentes, origens, classes sociais, idades, orientações sexuais e identidades de gênero”².

A Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, WHO, 2010) considera o suicídio um problema de saúde pública mundial, sendo a principal causa de morte entre indivíduos de 15 a 44 anos. Por ano, é uma morte a cada 40 segundos causada pelo suicídio, tendo um aumento em cerca de 65% em todo o mundo nos últimos 45 anos. Estima-se, ainda segundo a organização, que as tentativas de suicídio sejam 20 vezes mais frequentes do que os suicídios consumados.

Conforme o Ministério da Saúde do Brasil (2018), entre 2007 e 2016 foram registrados no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) 106.374 óbitos por suicídio. Em 2016, a taxa chegou a 5,8 por 100 mil habitantes, sendo a intoxicação responsável por 18% das mortes, enquanto o enforcamento apresenta um índice de 60% dos óbitos. Do total de ocorrências, 70% das tentativas de suicídio por intoxicação aconteceram com mulheres.

Segundo Ribeiro & Moreira (2018) em dados recentes, afirmam que a taxa de mortalidade do suicídio no Brasil cresce de uma maneira muito específica, pois os fatores de riscos associados à faixa etária e condição de classe sócio

² É tão complexo que as autoras Braga e Dell’Aglia, em artigo intitulado “Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero” (2013), ao realizar suas pesquisas, trazem-nos informações sobre a confiabilidade desses dados estatísticos, no sentido de que eles devem, na empiria, serem maiores do que os números apontam, visto que muitas famílias e a própria sociedade pressionam para que os casos de suicídios sejam falsificados, principalmente de famílias de classe média e alta.

econômica é diversificada e complexa, devendo cada caso ser analisado por padrões estatísticos diferentes.

De acordo com a Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (2017), o Maranhão teve um aumento de 127, 8% na taxa de suicídio entre 2005 e 2015, representando somente em 2015, 5,3% do total de mortes violentas por causas externas, com crescimento a cada ano desde então. Somente entre os jovens maranhenses, a taxa de suicídios cresceu mais de 200%.

Diante desse quadro justificativo, nossa pesquisa tem por objetivo realizar diagnóstico e análise da ideação suicida entre jovens de ensino médio aplicando questionário estruturado e fechado (MARCONI & LAKATOS, 2010) em uma unidade de ensino da rede pública estadual, com perguntas que busquem evidenciar a presença dos principais fatores de riscos ligados à ideação suicida, de acordo com o conjunto bibliográfico levantado previamente e por informações contidas na cartilha “Suicídio: informando para prevenir” (2014), do Conselho Federal de Medicina (CFM) e Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP)³. Paralelamente, a revisão da literatura utiliza de artigos científicos e dissertações acadêmicos da área da saúde e educação publicadas durante os últimos 10 anos.

Realizou-se a pesquisa com cerca de 220 adolescentes com faixa etária entre 14 a 19 anos, do sexo feminino e masculino, assim como 09 professores da mesma instituição, na cidade de Pinheiro-MA.

De acordo com o Ministério da Saúde (2018), o suicídio entre os jovens de 10 a 19 anos, aumentou 18% de 2011 a 2015. Resultado de pressões e dificuldades que os adolescentes passam fora e dentro da escola. Mas como a escola pode dar o suporte necessário para esses alunos? E será que deve abordar esse tema em sala de aula? Entendemos que a escola possui responsabilidade de desenvolver a dimensão emocional do ser humano e contribuem para o seu desenvolvimento integral.

³ Disponível em: <<https://www.abp.org.br/cartilha-combate-suicidio>>

Como justifica este trecho do documento da Base Nacional Comum Curricular, tratando sobre competências essenciais ao desenvolvimento e formação dos estudantes, destacamos as competências 8, 9 e 10;

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – Int., p. 18 e 19).

Dessa forma, consideramos que o espaço escolar deve educar para a saúde física e mental, sendo um espaço de afeto e de escuta valorizada, de forma que diminua as angústias, o sentimento de desamparo e valorize a vida. Para tanto, como constituir tal espaço dentro da escola? Como o professor pode desenvolver tal atividade e que base teórica ele possui sobre o assunto? Partindo disso, nos debruçaremos sobre os conceitos de suicídio e ideação suicida a partir de uma matriz sociológica específica, afim de tentar lançar luz sobre tais problemas.

Suicídio e ideação suicida por um viés sociológico

Émile Durkheim, define suicídio como “todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado” (DURKHEIM 2005, p. 15). Ainda para o autor, analisar o suicídio não se limita apenas a uma reflexão sobre o indivíduo, mas sobre a sociedade em que ele vive. Como explicita o sociólogo:

De momento não tentaremos aprofundar em que medida e em que condições é legítimo tal modo de estudar os suicídios, mas certo é que eles podem ser analisados de um aspecto completamente diferente. Com efeito, se em vez de enxergá-los apenas como acontecimentos particulares, isolados uns dos outros e necessitados, cada um por si, de um exame

particular, considerarmos o conjunto dos suicídios cometidos em uma determinada sociedade durante uma dada unidade de tempo, constataremos que o total assim obtido não será uma simples soma de unidades independentes, uma coleção de elementos, mas constituirá por si um fato novo e sui generis, que possui a sua natureza própria, e que, além disso, tal natureza é eminentemente social (DURKHEIM, 2005, p. 17).

Dessa forma, o suicídio está diretamente ligado a sistemas sociais complexos e profundos, mas que são possíveis de serem diagnosticados e analisados por uma macro sociologia que utiliza dados estatísticos que objetivam mapear as tendências sociais, históricas e econômicas que levam ao ato suicida, pois “cada sociedade tem, portanto, em cada momento de sua história, uma aptidão definida para o suicídio” (Durkheim, 2005, p. 19), caracterizando maior prevalência em fases históricas e econômicas de desequilíbrio social, de anomia social.

E o que determina quando a sociedade está doente? Quando alguma parte do corpo social não está funcionando como deveria. A perspectiva durkheimiana de funcionalismo implica entender a sociedade como um sistema integrado por unidades, tomando emprestado a forma de ver o mundo das ciências naturais, a sociedade seria um organismo sistêmico que funciona por solidariedade social que visa sua coesão e autopreservação. Em nome dessa coesão externa, os indivíduos tendem a aceitar a pressão do corpo social em benefício de sua sobrevivência e, a partir de então, Durkheim analisa o suicídio como um desses mecanismos de pressão (QUINTANEIRA, 2002, p. 77).

Considerando este pensamento, aqueles que buscam explicar o suicídio com base na consideração isolacionista erram, pois “[...] as causas do suicídio são, portanto, objetivas, exteriores aos indivíduos” (QUINTANEIRA, 2002, p. 78); e são ainda consequências de um enfraquecimento da moral social a ponto de não haver coligação social, como por exemplo, uma religião fraca, uma sociedade política corrupta e com credibilidade representativa abalada, ou uma família desestruturada, em crise. A partir disso, três tipos de suicídios são classificados pelo sociólogo.

O primeiro tipo chama-se suicídio egoísta. Caracteriza-se por um ego pessoal que se sobrepõe ao social, com prevalência de fatores psicológicos, porém, emaranhado também por questões sociais. O indivíduo é egoísta, pois desenvolve uma individualização exacerbada, de modo que não considera importante os laços

sociais, não se sentindo pertencente ao meio social em que está inserido, logo, o indivíduo se isola e põe fim a sua vida.

O segundo tipo seria o suicídio altruísta, comum em sociedades consideradas “inferiores”, que funciona como dever moral e de honra pessoal para com o seu ser social, que eram praticados por enfermos, idosos, viúvas por ocasião da morte do marido, fiéis e servidores com o falecimento de seus chefes, ou os atos heróicos durante guerras ou convulsões sociais (QUINTANEIRA, 2002, p. 79).

O terceiro tipo seria o suicídio anônimo, característico das sociedades modernas, comum em uma situação de “[...] desregramento social devido ao qual as normas estão ausentes ou perderam o respeito. A sociedade deixa de estar presente o suficiente para regular as paixões individuais, deixando-as correr desenfreadas” (QUINTANEIRA, 2002, p. 79).

Não nos interessa, neste trabalho, realizar um levantamento de dados empíricos para tentarmos encaixar os resultados em um desses três tipos de fenômenos suicidas classificados por Durkheim, pois, estamos em uma outra sociedade, mais complexa e específica, onde os jovens lidam com um esvaziamento do ser em uma modernidade fragmentada, um vazio existencial e uma sensação de aflição (BAUMAN, 2007; 2008) intensamente nova causada pela inserção de novas tecnologias informacionais e comunicacionais em rede global que afetam diretamente as relações privadas e públicas. Mas nos interessa compreender as relações de continuidades e descontinuidades presentes ou não sobre tal coesão e anomia, já considerando a nova perspectiva social.

Próximo do conceito de suicídio, mas não sendo idêntico, o conceito de ideação suicida, de acordo com Neury José Botega (2015), significa pensar sobre o suicídio de modo a torná-lo uma idéia que seja passível de concretude. São pensamentos de desvalorização da vida e de valorização da morte, e, portanto, pensamentos fatalistas que afastam qualquer racionalidade ou prática de resiliência e que rumam para o planejamento e consumação do ato suicida, podendo ser reforçados socialmente por determinadas formas de compreender a vida e a morte. A ideação suicida, a vista disso, é o primeiro alerta ao risco, pois já configura o desejo e o projetar à morte (WERLANG *et al.*, 2005).

As intenções ao suicídio podem ocorrer em qualquer fase da vida, porém na adolescência pode mostrar-se cada vez maior. Considerando a disponibilidade ao imediatismo, impulsividade e imaturidade afetiva, os jovens encontram maior dificuldade para lidar com estresses agudos, com fracasso e frustrações na escola, com fim de um relacionamento, situações que provocam vergonha ou humilhação, rejeição pelo grupo social, perda de um ente querido, além da procura angustiante por uma sensação de pertencimento (BOTEJA, 2015).

Dialogando com os fatos sociais de Durkheim⁴, as crianças são desde sempre condicionadas a aprenderem uma língua, a se vestir de determinado modo, de falar, de andar e etc., dessa forma, os adolescentes são igualmente coagidos a agirem, pensarem e sentirem de um modo padrão que, de acordo com Quintaneira (2002, p. 63) “[...] desde muito pequenas, [...] as crianças são constrangidas (ou educadas) a seguir horários, a desenvolver certos comportamentos e maneiras de ser e, mais tarde, a trabalhar. Elas passam por uma socialização metódica [...]”.

Que de acordo com o pensamento de Bauman (2005), tais condicionamentos para os jovens tornam-se em angústias complexas, pois identificar-se a algo não é uma prioridade na contemporaneidade, pelo contrário, prefere-se ser um “quebra-cabeças” infinitamente incompleto do que fechar-se às outras possibilidades. Diante desse medo de tornar-se um alguém definitivo e sólido, há um excesso de oportunidades que fazem crescer as ameaças de desestruturação, fragmentação e desarticulação que podem desencadear estados existenciais depressivos.

Desse modo, fatores de risco começam a desenhar-se tornando possível catalogar e identificar determinados comportamentos, proporcionando, um trabalho de prevenção (BORGES & WERLANG, 2006). Quando se analisa os possíveis fatores de risco, o que se observa como pensamento geral da sociedade é que esse jovem está agindo por rebeldia, para chamar a atenção, ou por chantagem, sendo

⁴ Não muito distante do que já explicamos, fatos sociais são mecanismos que obrigam os indivíduos à agirem tal como devem para que a sociedade onde ele esteja inserido funcione sistematicamente, ou seja, são modos de agir, pensar e sentir externo ao indivíduo, que são investidos com um poder coercivo capaz de controlá-lo (DURKHEIM, 2007). Ainda, para Durkheim, os fatos sociais são os objetos que dão sentido à própria ciência da Sociologia.

somente uma fase. Desacreditando que esse jovem possa vir a ter coragem de dar fim a própria vida.

Por conseguinte, se a decisão de cometer suicídio não ocorre de maneira rápida, e o indivíduo costuma deixar pistas de advertência que indicam uma ideação, isso quer dizer que pode haver intervenção, e tal intervenção deve considerar que as categorias de ideação suicida e suicídio devem perpassar uma abordagem local e multifatorial, onde identificar os fatores de risco é crucial.

Destarte, como a escola adentra como espaço de escuta de modo que possa identificar tais fatores?

O Papel Relacional, Afetivo e preventivo da Escola

O espaço escolar é um espaço de sociabilidades, e como tal, deve ser problematizado dentro das matrizes sociológicas em perspectiva macro e micro. Sobre a escola como instituição de relações humanas, Jaime Cordeiro (2011, p. 66) explicita:

Mais até do que a sala de aula, a própria escola, como instituição, pode ser pensada como um grande campo de relações humanas, as quais se expressam em diversos níveis e em todos os espaços institucionais: relações hierárquicas e não-hierárquicas, políticas, sociais, trabalhistas, intergeracionais etc. Vários analistas discutem a dimensão institucional da escola, examinando aspectos como a estrutura burocrática, as relações de poder e dominação, o disciplinamento e a produção de mentes e corpos dóceis, as reações de insubordinação, resistência e conformismo, demonstrando que em todos esses aspectos a questão das relações humanas vividas na escola é essencial.

A escola, portanto, principalmente para os alunos, possui uma *dimensão afetiva e relacional* como principal sentido em si, sendo “o principal lugar de encontro com os seus iguais”, com relações que não são mediadas pela autoridade direta da família e vividas diretamente com seus iguais, ou seja, essa dimensão nem sempre é possível de ser contemplada pelo ensino aprendizagem do currículo formal. Definindo esse ponto de vista, mais uma vez, Jaime Cordeiro (2011, p. 68) sintetiza:

É nessa dimensão da socialização entre os iguais que se podem experimentar dimensões afetivas importantes, construir amizades e

inimizades, afinidades e repulsas, exercitar formas de liderança, de autoridade e de reação contra essas mesmas lideranças e autoridades.

Partindo destas dimensões afetivas e relacionais, correlacionando com a temática da ideação e do suicídio, entendemos que a escola deve ser um espaço de prevenção e escuta valorativa, constituindo afetividades e acolhimento com os jovens em geral, não somente os que apresentam ideações suicidas ou estados depressivos, pois uma das missões institucionais educativas é estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz⁵.

Saber detectar os sinais e abrir espaço de escuta é o passo inicial, e por vezes o suficiente para evitar grande maioria das tentativas de suicídio, pois existe verbalização e/ou comportamentos apreensíveis pelo corpo pedagógico escolar.

A morte do suicida é diferente. Pois ela não é coisa que venha de fora, mas gesto que nasce de dentro. O seu cadáver é o seu último acorde, término de uma melodia que vinha sendo preparada no silêncio do seu ser... Mas no corpo do suicida encontra-se uma melodia para ser ouvida. Ele deseja ser ouvido. [...] O seu silêncio é um pedido para que ouçamos uma história cujo acorde necessário e final é aquele mesmo, um corpo sem vida (ALVES, 1991, p. 12, apud FERREIRA JUNIOR, 2015, p. 25).

Dialogar sobre suicídio se apresenta como um tabu tanto pelo aspecto religioso, cultural e social. Apesar de cada vez mais frequente, poucos jovens encontram espaços para discutir sobre o assunto. Em contrapartida, no Brasil a política de prevenção envolve setores da saúde e assistência social (como o Centro de Assistência Psicossocial, CAPS), mas não leva em consideração o ambiente escolar, espaço onde crianças e jovens passam cerca de dez anos de suas vidas absorvendo conhecimento e aprendendo a se posicionar, defender idéias, buscando uma identidade, e se relacionando com todo tipo de situação e, principalmente, com a diversidade que cada vez mais busca por integração social no espaço escolar.

Considerando a complexidade que envolve o suicídio, e os índices que crescem envolvendo jovens e adolescentes como grupo de risco, as ações preventivas deveriam ser um conjunto, ligando os saberes em prol de ações conjuntas que busquem o resgate dos elos entre família, escola e sociedade.

⁵ Como indica o documento das Leis e Diretrizes Básicas da Educação, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu art. 12, inc. X.

A escola tem papel estratégico para a promoção e proteção da saúde dos alunos, pois é o local de socialização, para além do papel preventivo. Na socialização são reproduzidos os padrões de comportamentos dos mais singulares aos mais diversos, onde as diferenças de gênero e nível socioeconômico são viáveis.

Um estudo com adolescentes da grande Porto Alegre, Rio grande do Sul, entre 12 e 18 anos, divulgado em artigo de Baggio *et al.* (2009), demonstra que a ideação suicida é mais comum entre jovens do sexo feminino, porém são os meninos que efetivam o ato em maioria. Uma das possíveis explicações refere-se à maior tendência introspectiva entre as meninas que não são compreendidas dentro de uma cultura de violência e virilidade própria ao sexo feminino. Dessa forma, os sentimentos depressivos e o risco de suicídio em adolescentes apresentam importantes diferenças entre os gêneros, e esses gêneros entram em mais contato por mais tempo na vida social dentro do espaço escolar.

Nessa linha de pensar o espaço como prevenção e afetividade, surge a responsabilidade de refletir sobre outro problema grave atualmente, pois as escolas enfrentam o princípio de uma influência de massacres escolares (Massacre de Realengo, Massacre de Janaúba, do Colégio Goyases, no mais recente ocorrido em Suzano, na escola Raul Brasil) onde os jovens que realizaram tais ações, todos cometeram suicídio em um planejamento calculado.

É essencial debater o que está por trás desses eventos tentando entender certa consciência social dos jovens, ou seja, seus meios sociais, suas comunidades virtuais e seu passado, pois segundo o que foi noticiado, nesses casos estávamos lidando com jovens que sofreram *bullying* (violência sistemática) e internalizaram o sofrimento, ou sentiram-se ameaçados pela entrada da diversidade e atenção dada pela escola aos indivíduos que antes eram estigmatizados e que agora reivindicam direitos, tomando assim, o espaço dos indivíduos dominantes ou dos deslocados

que não encontram seus espaços próprios de escuta, seu espaço identitário⁶ (ZACARIAS, 2018; SANTOS, 2003).

Para isso, pode se pensar projetos que incentivem a mediação de conflitos seja ofertando especialização para os professores e cursos de formação, ou oferecendo tais cursos aos próprios alunos, para que através da mediação de conflitos, a cultura da paz possa emergir, e com ela, o espaço democrático de diálogo seja valorizado enquanto política pública específica.

Logo, acreditamos que a escola pode se envolver e buscar parcerias para proporcionarem um trabalho de prevenção e um espaço de afetividade. A partir disso, analisemos qual a existência de fatores de risco presentes por jovens, e como o espaço escolar lida, ou não, com a situação.

APLICAÇÃO, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Utilizamos como instrumento de coleta de dados dois questionários, um que visa o público adolescente, chamado “Questionário A”, e outro os professores “Questionário B”⁷.

O “questionário A” é composto por treze seções, sucessivamente, temos: identificação (onde se encontra o sexo e idade do entrevistado), e oito questões de múltipla escolha com quatro a cinco alternativas de resposta, e quatro questões com

⁶ Estamos falando de diferenças estigmatizadas e excluídas e de indivíduos que, em um país como Brasil que possui histórico patriarcal, não aceitam perder seu espaço dominante para o adentrar da diversidade. Em resumo, a concepção de identidade deslocada, descentrada e fragmentada (BAUMAN, 2005; HALL, 2002; GIDDENS, 2002) no cenário brasileiro, entra em choque com uma posição mais conservadora que não compreende e/ou aceita o seu próprio deslocamento do centro de atenção e poder, causando uma crise da organização social dominante, que respondem de maneira mais agressiva através de massacres fatais que envolvem armas de fogo. É interessante, ainda, notar que os padrões sociais de classe dos jovens que realizaram o último massacre, por exemplo, são típicos do padrão dominante (homens, brancos, classe média), e que planejaram os massacres em uma rede anônima na internet que reúnem tópicos racistas, misóginos, fascistas e outros - mas que ofereceram-lhe a sensação de pertencer a algum lugar - deixando como pistas imagens e registros prévios que passam uma auto-imagem heróica dentro de seus grupos e para a sociedade, e o heroísmo reside justamente no ato final, o suicídio (ZACARIAS, 2018).

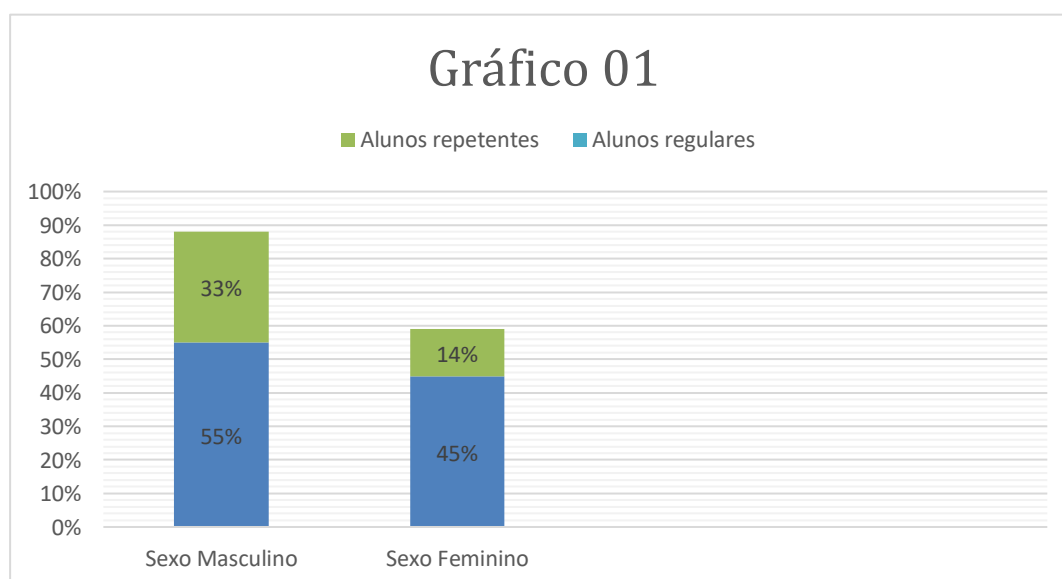
⁷ A aplicação desse instrumento de pesquisa ocorreu em sala de aula nos dias 20 e 21 de março de 2019, nos turnos matutino e vespertino com autorização da instituição.

alternativa “Sim” ou “Não”, onde todas têm por objetivo mapear a possível presença dos fatores de risco.

Entende-se por fatores de risco determinados obstáculos individuais ou coletivos que aumentariam a vulnerabilidade dos jovens para a ideação suicida. Podemos entender a pobreza, maus-tratos, fracasso pessoal ou afetivo com outras pessoas, até processos mais subjetivos como possíveis fatores de risco. Diagnosticar tais fatores significa refletir e gerir mecanismos protetivos, inclusive como políticas públicas (DELL’AGLIO *et al.*, 2006).

O questionário B, voltado aos professores, divide-se em oito seções, onde a primeira pergunta também se volta à identificação do entrevistado, incluindo a área de conhecimento que leciona. Segue sete questões, duas de múltipla escolha com quatro a cinco alternativas de resposta e cinco com resposta “Sim” ou “Não”. As questões têm por objetivo revelar se os professores possuem algum tipo de formação sobre saúde mental, se eles vêem no espaço escolar um ambiente para debater o assunto, se o debate existe e como ocorre, etc.

De 220 jovens que constituíram a amostra, 55% eram do sexo masculino e 45% do sexo feminino, divididos entre as três séries do ensino médio, com idades que variam de 14 a 19 anos. O total de jovens do sexo masculino nas séries do 1º, 2º e 3º, respectivamente, foram de 67, 22 e 31 meninos entrevistados. Já o total de jovens do sexo feminino nas séries do 1º, 2º e 3º, respectivamente, foram de 36, 24 e 40 meninas entrevistadas. Desses, 33% do sexo masculino eram alunos reprovados, enquanto a taxa entre as mulheres era de apenas 14%.

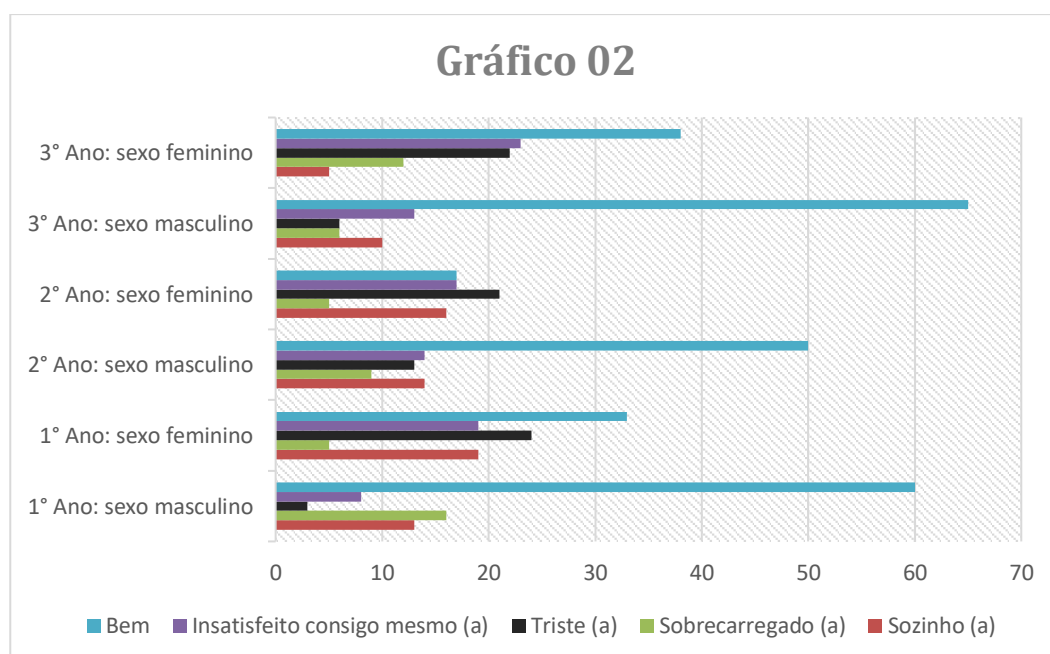


Fonte: A autora

Destacamos que a reprovação acarreta uma maior cobrança familiar levando também a uma pressão psicológica ao adolescente tanto no ambiente familiar como no espaço escolar. Gerando no educando um sentimento de frustração e de falta de confiança na sua capacidade cognitiva, proporcionando um possível cenário de tristeza que nos chamou a atenção. Segundo Moura & Silva (2007) a concepção semântica do termo reprovação está aliada à rejeição, condenação, incapacidade, em uma abordagem complexa e muito delicada, que nega um ideal de sucesso, angustiando todos os envolvidos no processo.

Diante desse alto número de reprovação dentro do nosso universo pesquisado, compreendemos que o espaço escolar deve atentar a tais dificuldades, elaborando estratégias que visem acolher tais educandos e pensar em como esse sentimento de fracasso é absorvido por eles.

Destacaremos agora, os resultados do questionário que mapearam a presença ou não dos fatores de riscos. Dividindo por série, intituladas de “Gráfico 01”, “Gráfico 02” e assim por diante, para melhor compreensão e comparação de dados, temos as seguintes informações:



Fonte: A autora

A análise inicial foi de que as jovens do sexo feminino conseguem falar dos seus sentimentos com mais facilidade do que os jovens do sexo masculino. Os meninos tendem a somente dizer que se sentem bem e poucos conseguem se abrir sobre suas tristezas. FORMIGA (2006, p:12) destaca que:

[...] a diferença da emoção de acordo com o gênero, permite refletir a respeito de concepções estereotipadas a respeito de como e porque cada um sente a raiva, tristeza e alegria. O importante disto é que podemos compreender que este fenômeno implica uma construção de realidades existentes em nossa própria cultura, daí não se encontrar intensamente explícita as expressões masculinas da tristeza, e algumas vezes, de alegria, pois em nossa sociedade essa expressão é caracteristicamente feminina.

Tal problemática é oriunda do que seria uma cultura demarcada por dispositivos biopolíticos de poder (FOUCAULT, 1997) que normalizam e disciplinam os corpos, os desejos, os pensamentos a moral de uma determinada sociedade em determinada época. No caso do Brasil, por exemplo, podemos dizer que essa sociedade é patriarcal⁸, centrada na figura do homem, que deve ter determinada conduta moral e cultural para poder ser considerado homem, caso contrário, o sujeito será considerado desviante, e marginal⁹.

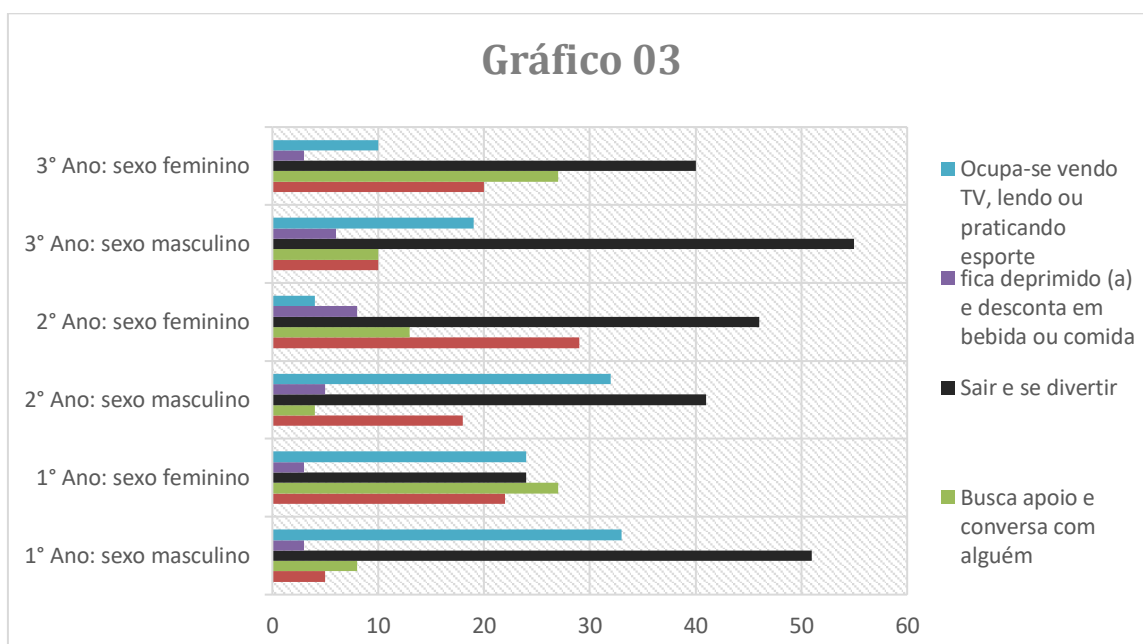
Desse ponto do problema social, a escola deve trabalhar a sensibilização dos alunos para com a temática, a fim de desconstruir tais dispositivos de conduta rigidamente demarcados, principalmente na modernidade, pois tratar da temática não é somente levar em consideração a saúde mental, mas a saúde física e os direitos humanos e civis.

O segundo questionamento feito foi visando compreender as atitudes dos jovens diante de sentimentos que classificamos como fatores de risco à ideação

⁸ Cf. SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso*. Da escravidão à Lava Lato / Jessé Souza. – Rio de Janeiro: Leya, 2017.

⁹ Para tornar claro, os exemplos de Goellner (2011, p. 82), trazem à tona as reflexões que nos referimos, pois quando ela afirma: “quando meninas apresentam um perfil de habilidade e comportamento mais agressivo para o jogo, muitas vezes, sua feminilidade é colocada em suspeição”, bem como também ela pensa o papel do homem quando este se desvia de seu perfil que herdou da colonização, pois coloca em xeque sua masculinidade; a autora afirma a presença ditatorial na cultura e na sociedade de tais dispositivos de controle.

suicida. De que forma eles reagem? Como buscam minimizar os problemas? Ou eles preferem mergulhar na identificação auto problemática?



Fonte: A autora

É possível perceber que, a maior parcela dos jovens, buscam sair e se divertir como alternativa para lidar com seus problemas. Problematicamos tal questão, pois talvez sair com os amigos, bem como ir a festas e passeios, pode ser uma forma de criar uma válvula de escape momentânea. Entretanto, talvez isso seja, de fato, a construção de uma rede própria sócio afetiva desses jovens.

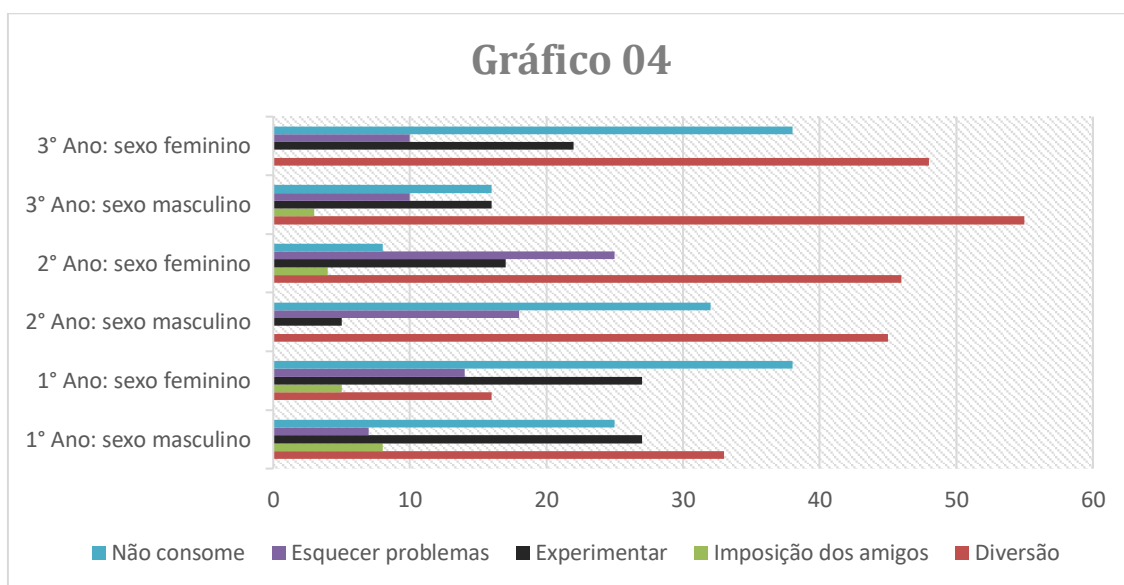
Já a segunda alternativa mais assinalada representa o oposto, pois a porcentagem de jovens que prefere ficar sozinho em meio suas angustias e chorar também é relevante, porém apenas no sexo feminino. Assim como a iniciativa de buscar amparo, verbalizando suas agonias com alguém, também corrobora certos padrões de disciplina moral que são marca do que seria o ser feminino: aquela que conversa e se abre com mais facilidade do que o homem, o ser viril, pouco sensível e afetuoso.

Entre os meninos as maiores porcentagens variam entre a diversão, como já mencionado, e a busca por uma ocupação, que poderá ser a prática de esportes, leitura ou distrações televisivas. O que enseja outra discussão já feita aqui, a de que

o homem jovem pensa e conjectura menos a ideação suicida, porém, age mais para a consumação do ato.

Dentro do que tange a diversão como fuga para os problemas, se encontra a relação direta com a iniciação ao uso de álcool e outras drogas, pois o problema mental mais associado ao suicídio é a dependência de álcool e outras drogas, além de transtornos de humor, esquizofrenia e transtornos de personalidade (TRIGUEIRO, 2016).

Conforme questionamento feito no material aplicado, os mesmos deveriam informar se já fizeram uso de bebidas alcoólicas e por qual motivo. Como mostra os dados a seguir:



Fonte: A autora

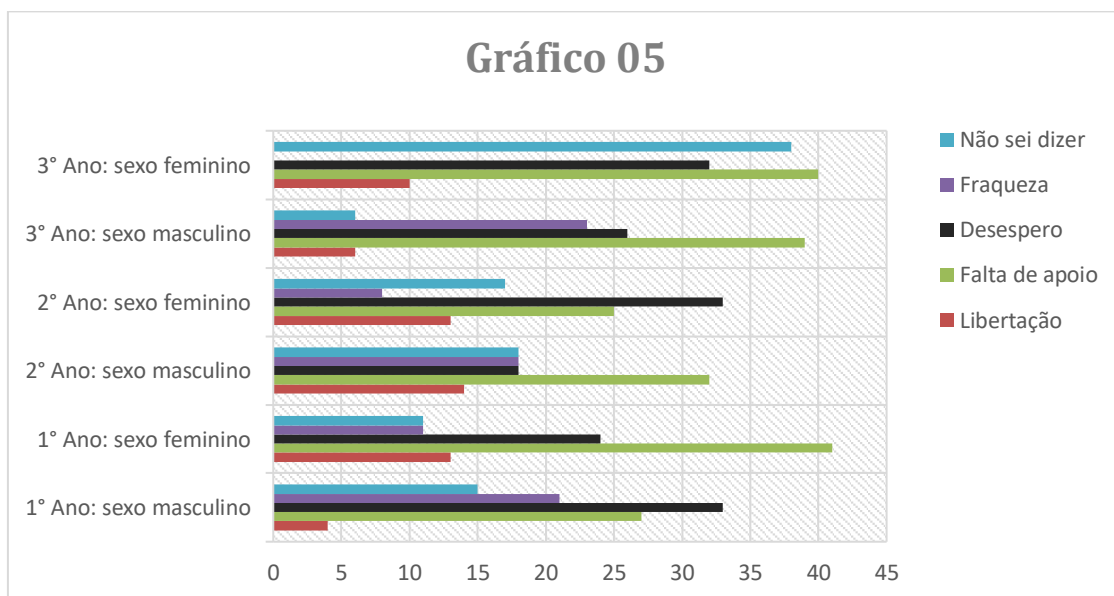
Conforme o indicado, a iniciação ao uso de bebidas alcoólicas é presente entre os jovens do sexo masculino a partir dos 14 anos, como forma de divertimento, exceto os dados com os alunos do 2º ano. Entre as meninas os motivos são mais diversos, perpassando a vontade de experimentar até esquecer problemas. Podemos notar que há quase uma equiparação nos índices de consumo entre meninas e meninos, vertendo para um sinal alarmante para o uso precoce do álcool.

Fazendo um apanhado geral, temos este trecho da cartilha da Organização Mundial da Saúde, Manual para professores e educadores (2000), que destaca:

[...] adolescentes meninos cometem suicídio mais freqüentemente que meninas. Todavia, a taxa de tentativas de suicídio é duas a três vezes maior entre meninas. Elas têm mais depressão que os meninos, porém acham mais fácil conversar sobre seus problemas e procurar ajuda, isso provavelmente ajuda a prevenir atos fatais. Os meninos freqüentemente são mais agressivos e impulsivos, e não é raro agirem sob o efeito de álcool e drogas ilícitas, o que provavelmente contribui para atos fatais.

Com relação ao entendimento sobre o que significa o suicídio, todos os jovens entrevistados afirmam saber o que é o conceito. Notícias sobre casos de tentativas ou suicídios consumados são comuns nos noticiários de esfera local e nacional, assim como campanhas preventivas, séries, filmes, documentários sobre o tema que estão disponíveis na internet, e os jovens possuem pleno acesso aos materiais, porém, cada pessoa possui uma forma de ver e compreender quais os fatores que levam ao ato.

Diante disso, foi perguntado como eles entendem o ato de suicidar-se, vejamos tabela a seguir:

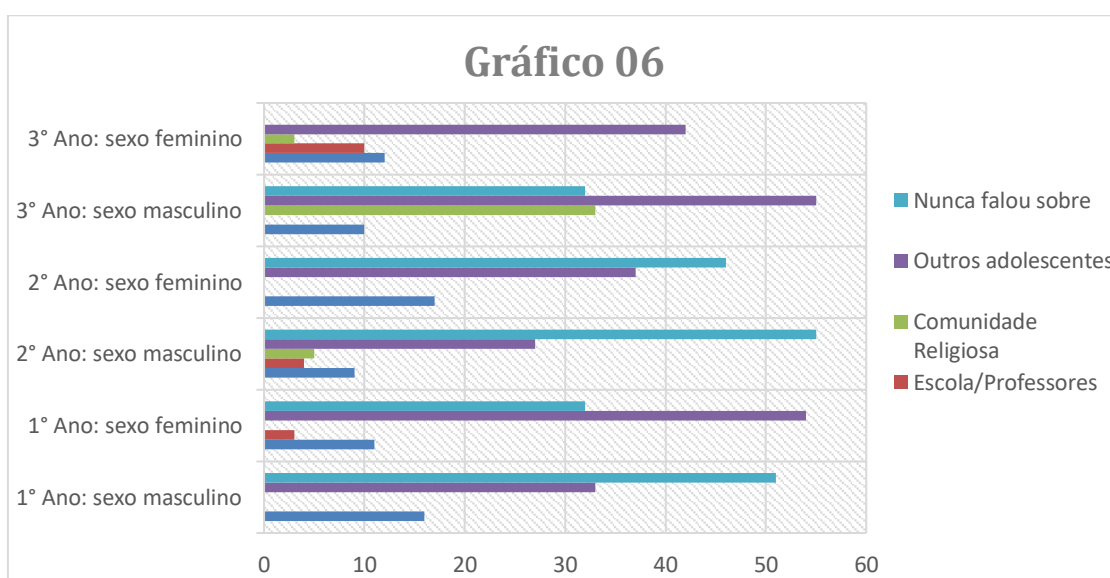


Fonte: A autora

Ao contrário do que popularmente se pensa, para os jovens o ato do suicídio não significa somente fraqueza, percebe-se que a alternativa mais assinalada foi

que o ato do suicídio advém da falta de apoio, o que representa carência em ser ouvido ou notado com relação aos seus problemas (WERLANG, *et al.*, 2005; TRIGUEIRO, 2016).

Também é curioso notarmos como os dados sobre a idéia de que o ato do suicídio seria uma espécie de libertação, continua presente para os jovens. Isso nos leva a uma discussão conceitual sobre o sentido da existência e do valor à vida. A prática de uma escuta que flerte com uma terapia é extremamente necessária desse ponto de vista. Logo, a próxima pergunta nos leva à importância presente no diálogo: se os jovens dialogam, com quem eles dialogam sobre o assunto, com quem conseguem falar sobre seus sentimentos e aflições?



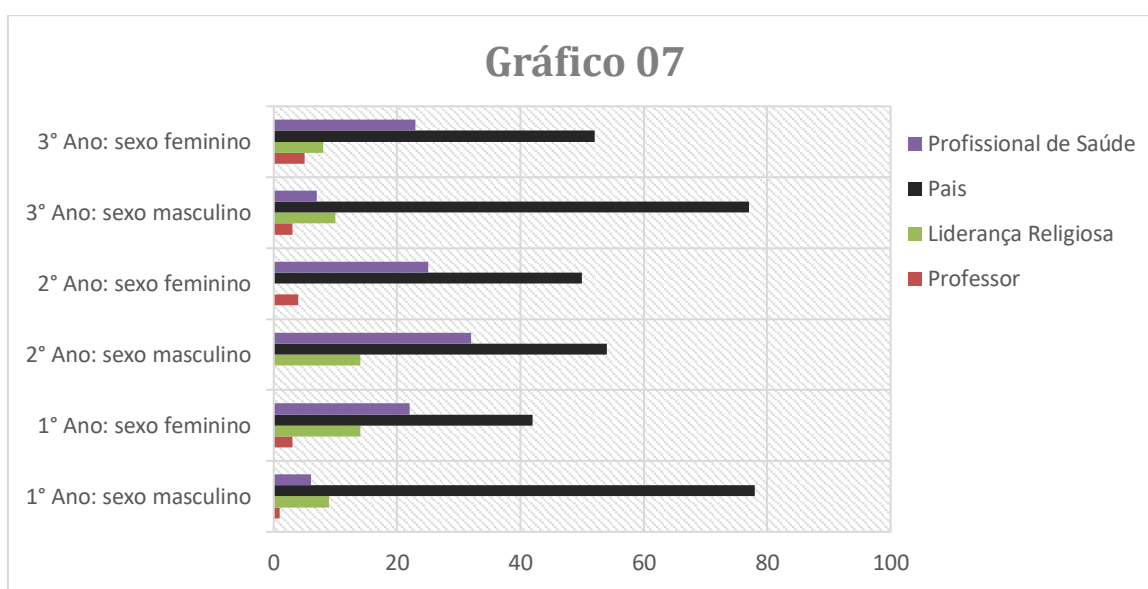
Fonte: A autora

Percebe-se que o diálogo com adultos não é presente o quanto deveria ser. A família, a escola e as comunidades religiosas não estão presentes ou abordam o tema de uma forma que os jovens não conseguem estabelecer diálogo de confiança e segurança. Eles preferem como apontam os dados, falar sobre o tema com outros adolescentes, como os amigos e jovens da mesma faixa etária.

É possível deduzirmos que entre seus pares iguais, os jovens se sintam mais confortáveis em se abrirem sobre o assunto, pois o reconhecimento e aceitação da depressão tornam-se, por exemplo, mais compreensível, visto que discutir com

outros jovens que sentem o mesmo faz aumentar a experiência de empatia. Segundo Silva (2016), muitos adultos consideram a introspecção e tristeza como fases normais da vida de qualquer adolescente, de modo que não se dá devida atenção aos sinais de fatores de risco, e acabam menosprezando os sentimentos e afetividades dos jovens.

Entretanto, o próximo gráfico enseja uma pergunta conveniente, que segue a mesma idéia, só que acrescida de um vir-a-querer, ou seja, não representa com quem os jovens de fato dialogam, mas com quem eles desejariam poder dialogar sobre o assunto, desabafar. Os dados são muito objetivos e claramente problemáticos.



Fonte: A autora

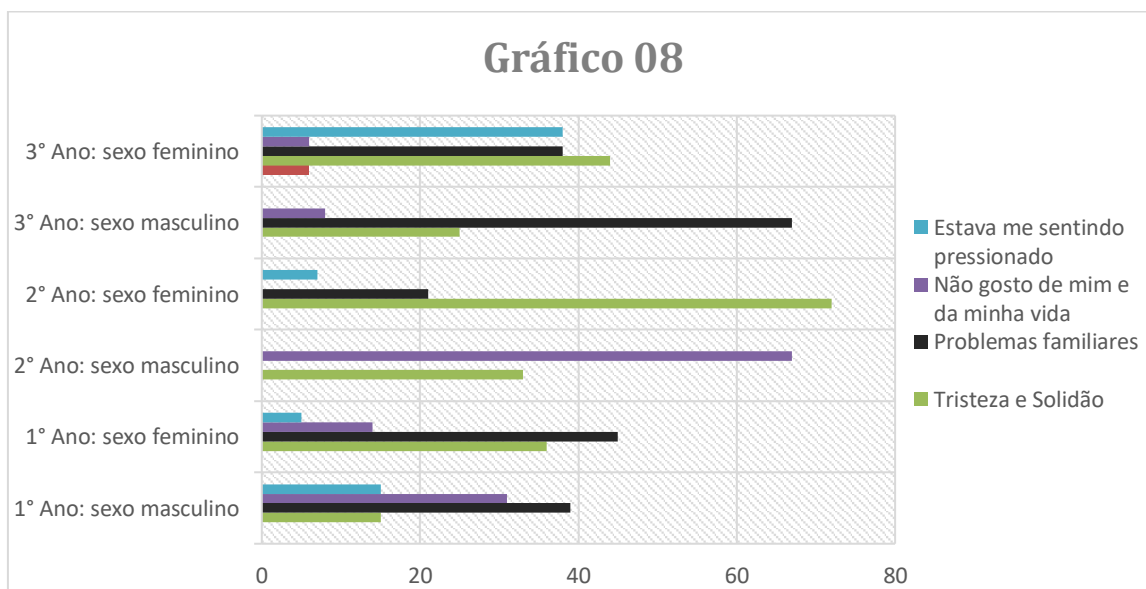
Nota-se que apesar dos desajustes familiares relatados anteriormente, os jovens ainda preferem ter os pais como referência para pedir ajuda, assim como um profissional da saúde que simboliza ter mais preparo para auxiliá-los no enfrentamento aos problemas. Desse modo, existe um conflito no que os dados nos revelam, onde o desejo de que assim o fosse, não é o que acontece. Então, por qual motivo isso ocorre? Será que se quer a comunicação entre jovens e seus pais estão ocorrendo? Os pais não conversam sobre a saúde mental de seus filhos com eles? Se os jovens desejam que assim o fosse, mas isso não ocorre e eles procuram seus

pares e suas comunidades para compartilhar suas idéias, talvez seja por que os pais não abrem um campo de diálogo inicial; não tomam a sério a probabilidade de tal situação.

MAGNANI & STAUDT (2018 p:84) destaca:

[...] ao manter uma relação de pais para filhos com bons níveis de exigência e responsabilidade há maior prevenção ao suicídio. Além disso, evidenciou-se que estas relações agem positivamente no desenvolvimento de habilidades e de autonomia nos jovens, favorecendo níveis de autoestima e independência. Concluindo assim, que o estilo permissivo, negligente, é o que gera maiores prejuízos aos jovens.

É relevante também observar que das 100 meninas que participaram da pesquisa, 73% conhecem alguém que tentou ou cometeu suicídio. Já entre os 120 meninos, 58,83% conhecem. Quando perguntados se em algum momento pensaram em cometer suicídio, das 100 meninas da amostra 53% disseram que sim, a taxa entre os meninos foi menor, dos 120 meninos apenas 20% disseram que sim. Os motivos variaram conforme segue tabela:



Fonte: A autora

Entre as jovens do sexo feminino os motivos estão relacionados à tristeza, solidão e problemas familiares, e entre os jovens do sexo masculino se encontra

pertinência nos problemas familiares e na insatisfação pessoal, o que denota em ambos uma tendência a estados depressivos e a configuração de desajustes familiares. Intrigante que o fato do dado sobre *bullying* foi praticamente ausente no meio destes motivos.

Finalizando a entrevista, foi perguntado se os jovens acreditam que a escola seria um bom espaço para a discussão e prevenção ao suicídio, 82,5% dos meninos afirmaram que sim, e 17,5% acreditam que não. Entre as meninas 86% diz que sim, e 14% informam que não. Deste modo, para os jovens, a escola poderia ser um espaço de prevenção e acolhimento.

Passando para a análise do questionário B, direcionado aos professores, obtivemos a amostra 9 professores, sendo 5 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, apesar de nossa amostra ser pequena, nos interessa uma mínima noção acerca do que professor sabe sobre o assunto, e como deve ou deveria ser.

Quando perguntados sobre se na vida acadêmica ou profissional os mesmo já haviam participado de algum debate, mesa redonda e/ou capacitações para professores que fossem voltadas ao tema prevenção ao suicídio, 3 professoras responderam que sim, e 2 não. Entre os professores 2 responderam sim, e 2 não. Cabe aqui salientar a importância desse preparo preliminar, como destaca novamente a cartilha da Organização Mundial da Saúde, Manual para professores e educadores (2000):

[...] através de cursos de treinamentos especiais que busquem melhorar a comunicação entre os estudantes em conflito e/ou suicidas e seus professores, e aumentar a detecção e compreensão do risco de suicídio. Treinar todos os funcionários da escola para melhorar suas capacidades de falar, entre eles mesmos e com os estudantes sobre a vida e assuntos relacionados à morte, melhorar a identificação de sofrimento, depressão e comportamento suicida, e ampliar o conhecimento em relação aos locais e formas de apoio disponíveis, são medidas cruciais na prevenção do suicídio.

No que se refere ao espaço escolar como meio de prevenção, apenas 1 professor acredita não ser adequada a discussão na escola. Porém na prática a cartilha da Organização Mundial da Saúde, Manual para professores e educadores (2000) mostra que, quando possível, a melhor abordagem para a prevenção do

suicídio é na escola, e através da elaboração de um trabalho em grupo que inclui professores, médicos, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais da própria escola, trabalhando em conjunto com agentes da comunidade.

Os demais professores acreditam que existem estratégias que podem ser utilizadas como meios de prevenção dentro da escola, igualmente aos jovens a alternativa escolhida foi a realização de palestras.

Sendo questionados se estariam confortáveis para abordar o tema em sala de aula, 7 professores disseram que sim. Porém ao responderem a questão: Você acredita conhecer os fatores de risco que podem levar seus alunos a cometer o suicídio? Apenas 4 professores responderam que sim. Provocando a indagação de como esses professores afirmam estarem preparados se ao menos nem conhecem os fatores de risco?

Com relação, a percepção das mudanças de comportamentos entre seus alunos, 6 professores disseram está atentos, 3 professores afirmaram que não. E quando posto a eles a suposição que um dado aluno estaria com intenções suicidas, qual seria a atitude dos mesmos para ajudá-los, observou-se que a maneira mais escolhida foi buscar um suporte especializado junto à direção escolar no que se refere ao auxílio profissional da área da saúde para esse jovem.

Em suma, a maioria dos professores consideram importante que o espaço escolar aborde o assunto, bem como de que eles devem possuir determinada formação, de preferência continuada, sobre o assunto em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo a discussão sobre o tema ideação suicida entre os jovens, visando identificar os índices, as motivações e os fatores de risco. Os resultados das amostras foram preocupantes, principalmente entre jovens do sexo feminino, que correspondem a 53% para a ideação suicida.

Ao aplicar o questionário os alunos e professores foram motivados a uma reflexão, ficou evidente que a importância da discussão sobre a temática não era vivenciada no contexto escolar. Apesar das taxas serem afirmativas para a intenção ao suicídio, a escola não havia identificado fatores de risco que estão presentes,

mesmo que de forma imanente, pois existe uma cultura de naturalização dos problemas sócio afetivos dos adolescentes, a típica “coisa da fase”, impedindo, assim, a problematização e reconhecimento das ideações.

Entretanto, ao considerarmos o papel da escola em suas dimensões afetivas e relacionais, consideramos que ela é o espaço privilegiado de prevenção à ideação suicida, pois que pautadas na reflexão do eu e do social, é o espaço ideal para estratégias de combate como palestras, rodas de conversa, seminários e outras formas de interação que oferte um espaço de escuta confortável e acolhedor.

Nesse contexto, reconhecer que os jovens pensam em suicídio e levá-los a sério é o fator mais relevante para a prevenção da tentativa de suicídio. Professores precisam vislumbrar a ideação suicida como real, não minimizando o problema ou deixando a cargo simplesmente da família. Nesse sentido, o professor tem o papel significativo ao ponto de poder identificar os fatores de risco e buscar ser um mediador desse jovem enquanto ser social saudável física e psicologicamente.

Desse modo, como pensar e elaborar formas de combate dentro do espaço escolar, a partir de dinâmicas de ensino e aprendizagem, de mediação e de didática afetiva dos professores dentro de um contexto moderno específico? E como pensar e produzir políticas públicas partindo de mecanismos democráticos participativos, de forma que pense uma parceria entre secretaria de saúde e de educação para juntos trabalharem ações voltadas à saúde mental dos jovens? A ampliação de estudos na área das licenciaturas e área da saúde na cidade de Pinheiro, Maranhão, é sem dúvida uma contribuição social de extrema importância, pois o falar em suicídio entre os jovens não os estimula a cometer, mas leva-os a não enxergar a morte como solução única para os seus problemas.

REFERÊNCIAS

BAGGIO, L. *et al.* Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 25(1):142-150, jan, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csp/2009.v25n1/142-150/pt>> Acesso em: 16 jun. 2019.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Ministério da Educação (MEC). Disponível em:

<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_s
ite.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_s
ite.pdf)> Acesso em: 15 jun. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Vida Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. 1995. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BORGES, Vivian Roxo; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 11, n. 3, p. 345-351, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000300012>.

BOTEGA, Neury José. *Crise Suicida: avaliação e manejo*/ Porto Alegre: Artmed, 2015.

DELL'AGLIO, D. D., et al. (2006). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: editora Martin Claret, 2005. Disponível em: <<http://saude.gov.br>> Acesso em jun. 2019.

_____. *As regras do método sociológico*. São Paulo Martins Fontes, 2007.

FERREIRA, Avimar Junior. *O comportamento suicida no Brasil e no mundo*. Salvador, 2015.

FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FORMIGA, Nilton Soares. *Diferença de gênero nos antecedentes das emoções de raiva, alegria e tristeza*. João Pessoa-PB. 2006.

GOELLNER, S. V.; GUIMARAES, A. R.; MACEDO C. G. Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais: reflexões a partir de uma experiência em sala de aula. In: SILVA, F.F. da; MELLO, E. M. B. (orgs.). *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação*. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011, p. 12-27.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAGNANI, Rafaela Mazoroski.; STAUDT, Ana Cristina Pontello. *Estilos Parentais e Suicídio na Adolescência: Uma Reflexão Acerca dos Fatores de Proteção*. Rio Grande do Sul. 2018.

MENEGHEL, Stela Nazareth *et al.* Características epidemiológicas do suicídio no Rio Grande do Sul. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 38, n. 6, p. 804 810, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102004000600008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun.2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102004000600008>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Prevenção do suicídio: sinais para saber e agir. 2018. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/suicidio>. Acesso em: 15 jun. 2019.

MOURA, Elisabete Martins; SILVA, João Carlos Da. *Reprovação escolar: discutindo mitos e realidades*. Cascavel-PR, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Prevenção do suicídio: manual para professores e educadores. 2000.

PIETRO, D. & TAVARES, M. *Fatores de risco para o suicídio e tentativa de suicídio: incidência, eventos estressores e transtornos mentais*. Jornal Brasileiro Psiquiatria, Porto Alegre. 2005.

QUINTANEIRO, Tania. *Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber* / Tania Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia de Oliveira. 2º ed. Ver. amp. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002 (Aprender)

RIBEIRO, J.M. MOREIRA, M.R. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9):2821-2834, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232018000902821&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 jun. 2019. DOI: 10.1590/1413-81232018239.17192018.

SANTOS, B. S. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes Depressivas: as três dimensões da doença do século*. 1º ed., São Paulo: Principium. 2016.

SMDH. Nota Técnica: perfil dos suicídios no Brasil. *Sociedade Maranhense dos Direitos Humanos*, 2017. Disponível em: <<http://smdh.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Nota-Te%CC%81cnica-Suici%CC%81dios-no-Brasil-SMDH.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva. *A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes* – relato de experiência. Goiânia. 2001.

TRIGUEIRO, André. *Viver é a melhor opção: a prevenção do suicídio no Brasil e no mundo*. 3ªed. – São Bernardo do Campos, SP: Correio Fraternal, 2016.

WERLANG, B.S.G.; et al. Fatores de risco ou proteção para presença de ideação suicida na adolescência. *Revista Interamericana de Psicologia*, 39(2):259-266, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Participant manual –*IMAI One-day Orientation on Adolescents Living with HIV* Geneva, 2010.

Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44258/9789241598972_eng.pdf;jsessionid=4937AA6E9710B2B02FC284F05E61187A?sequence=1>

Acesso em: 14 jun. 2019.

ZACARIAS, Gabriel Ferreira. *No Espelho do Terror: Jihad e Espetáculo*. São Paulo> Ed. Elefante, 2018.